

Panorama

Editor: Igor Natusch
igor@jornaldocomercio.com.br

LUIZA PRADO/IC



Sete décadas de sons

Andressa Pufal
andressap@jcrs.com.br

No último dia 14, a Discoteca Pública Natho Henn completou 71 anos de história. São sete décadas de preservação e divulgação da produção musical local, nacional e internacional. Localizada no quarto andar da Casa de Cultura Mario Quintana (Rua dos Andradas, 736), a discoteca resguarda um tesouro de mais de 70 mil itens, que vão desde partituras e discos em vinil até CDs, DVDs, vídeos e outras mídias – tudo com acesso público.

Nativismo, música clássica, samba, rock, jazz, música instrumental brasileira e trilhas de cinema. Toda esta variedade pode ser encontrada nos corredores da discoteca, que parecem trazer na matéria-prima da estrutura não o concreto armado e tijolos, mas os próprios vinis e CDs que cobrem a parede do teto ao chão. O acervo foi construído ao longo dos anos por doações de cantores, compositores e intelectuais, bem como de instituições culturais como o Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore

e o Instituto Goethe.

Inicialmente, o espaço foi pensado para realizar um trabalho de difusão e educação musical, com audições públicas e comentadas de música clássica. Estimular o interesse e a capacidade de apreciação musical, bem como proporcionar lazer e entretenimento para os cidadãos também eram objetivos da Discoteca. Até hoje, estes propósitos seguem norteando as atividades da instituição, mas receberam reforço com novos espaços e atrações, como audições individuais, audições comentadas, oficinas, cursos, exposições, apresentações de recitais e conferências.

Em tempos de *streaming*, internet e acesso ilimitado aos mais diversos formatos de arte, a importância de um espaço físico se torna ainda mais forte. Além de conservar parte da história da música nacional e internacional, a Discoteca se torna um ambiente de trocas, encontros e descobertas. É também uma forma de cultivar o ritual de ouvir música: escolher o vinil, se maravilhar com a arte da capa, colocar pra rodar no toca

discos, milimetricamente ajustar a agulha para que a reprodução comece e, por fim, escutar o som que, magicamente, sai daquela caixa marrom. É muito mais que apertar o *play*. É uma fuga analógica que põe em exercício todos os nossos sentidos mais humanos – desde a audição, até o tato, olfato e visão. Se desconectar, às vezes, é preciso.

“Tem muitos casos de pais e mães que trazem seus filhos pequenos aqui para mostrar como era escutar música em vinil, em CD”, comenta Igor Baggio, analista de políticas públicas da Discoteca. “Muitos não conhecem a música na mídia física, não sabem que tem que virar o disco quando o primeiro lado termina. É um momento de descoberta entre gerações.”

Os interessados em conhecer o acervo podem visitar o espaço gratuitamente de terça a sábado das 9h às 18h, para audições individuais, pesquisas em partituras ou visitação aos espaços. A programação de exposições e audições comentadas podem ser conferidas pelo site da instituição.



Até o dia 15 de maio, a Discoteca recebe a exposição *Festivais Nativistas - Resgatando o acervo documental e discográfico da Fundação Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (FIGTF)*. A mostra traz discos dos principais festivais de música nativista do Rio Grande do Sul e recortes de jornais sobre a extinta Fundação. A visitação ocorre gratuitamente, de terça a sexta-feira, das 14h às 18h.

Em sete décadas de existência, a Discoteca passou por diversos locais de Porto Alegre até se fixar no quarto andar do prédio rosa mais famoso da cidade. Começou, na década de 1950, em um casarão na praça Dom Feliciano até 1960. Depois, passou pelas ruas Carlos Chagas, Uruguai e Vigário José Inácio, entre os anos 1960 e 1975. Depois se estabeleceu na rua Otávio Ro-

cha, de 1975 até 1983. Ficou por seis anos no Hotel Majestic e em 1989 passou para o Museu do Trabalho. Só em 1990, foi definitivamente para a Casa de Cultura.

Atualmente, o espaço conta com a Biblioteca Armando Albuquerque, Auditório Luis Cosme, Palco Lory F, Sala Radamés Gnattali, Sala Irmãos Moritz e Espaço Lupicínio Rodrigues. O arquipélago cultural da Discoteca está em constante crescimento e inaugurou no ano passado um novo espaço: a Sala Paulo Moreira. Dedicada a prestar homenagem ao jornalista cultural que nos deixou em 2023, a sala resguarda a coleção de mais de 2 mil CDs de jazz, que foi presenteada pela família do repórter à Discoteca. “É talvez a coleção de jazz mais importante do Estado”, coloca Baggio.

Natho Henn, um promotor da música em todos os formatos

A Discoteca foi fundada em 14 de abril de 1955 pelo músico que lhe dá o nome, Nathalio Rodrigues Henn. Nascido em Quaraí, Natho se formou como professor de piano pelo Instituto Verdi, de Montevidéu, e trazia nas suas obras as tradições do

folclore rio-grandense. Considerado pós-romântico com pinta modernista, Natho deixou criações como as composições para piano *A Carreta*, *Feitiço e Pastoral*; para canto coral, *Caravelas e Trovas*; e alguns bailados, como *Procissão dos Navegan-*

tes e Lenda de Imembuí.

“Ele tinha uma característica tradicional, que remetia ao século XIX, mas trazia também uma linguagem mais avançada, modernista”, explica Baggio. “Ele misturava muitos elementos regionais com a linguagem

tradicional da música.” Henn trazia em sua obra os elementos e hábitos do ambiente ao seu redor, entendendo que todo artista deveria trazer um pouco do seu chão nas suas composições.

Fundou a Discoteca para promover a música clássica,

mas defendia, desde aquela época, a música popular como arte. Henn faleceu em Porto Alegre aos 57 anos, em 1959, e o governador da época, Leonel Brizola, o homenageia emprestando seu nome à Discoteca Pública do Rio Grande do Sul.